



EDITORIAL 1

**Compartilhamento na apropriação social do
"Patrimônio Histórico"**

Há anos os cientistas das áreas de humanas que trabalham com memórias sociais evocam a Educação Patrimonial¹, para tratar da apropriação social do "Patrimônio Histórico". O termo "Patrimônio" é machista e evidencia a base epistemológica que o produziu. Base europocêntrica do conhecimento científico, ou o discurso da ciência, que toma para si os limites do conhecimento humano. Pretensão esta, que deturpa a relação das comunidades com seus bens móveis ou imóveis, materiais ou imateriais de valor inestimável. A dita tomada de razão sobre "o que não é seu", pois, há sim uma usurpação, uma tomada feita pelos cientistas daquilo que é do povo. Esta se justifica nesta "ciência do homem", que possui um "arcabouço explicativo" que é "da física do séc. XIX", e "sua ideologia implícita continua sendo do cristianismo e do humanismo ocidental"². Neste curso a ideia de educar, para apropriação destes bens, está profundamente marcada pela noção de ensino, ou seja, de colocar um sinal, em quem não o possui; de sistematicamente transmitir, considerando que as comunidades são simples receptores. Não nos vemos de forma alguma seguindo este percurso e caminhando pelo universo, ainda acadêmico, como arqueólogo, conheci a Arqueologia Pública e a Arqueologia Compartilhada, caminhos nada tradicionais ou clássicos na arqueologia, pois o envolvimento com os movimentos políticos dos quilombolas, dos indígenas e dos negros me fizeram rever todos os conhecimentos clássicos que tinha, tanto da arqueologia como da educação patrimonial. Não critico os clássicos, pois seguem o caminho presunçoso da ciência, mas evoco um outro mais libertário das comunidades com seus bens. Acompanhando ao "pensador corrosivo"³ que acredita que o Ocidente, de onde vem estas ideias, europocêntrico, vive um estado de pós-orgia, que é o próprio conhecimento científico, que conduziu as sociedades a crise de identidade, a incerteza, a ausência de referências, ao fracasso das mitologias progressistas, a espetacularização da vida, da política, do sexo. Onde mesmo a arte não consegue transcender e gira na banalidade num cotidiano vazio. Se seguisse a

¹ Conforme nos apresenta Mauri Luiz Bessegatto, *O Patrimônio em sala de aula. Fragmentos de ações educativas*. 2ª ed., Porto Alegre: Evangraf, 2004 e Fabio Vergara Cerqueira no capítulo "Educação patrimonial na escola: por que e como?" In: Cerqueira, Fabio V.; Gutierrez, Ester B. G.; Santos, Denise O.M.; e, Mello, Alan D. *Educação Patrimonial: perspectivas multidisciplinares*. Pelotas: UFPel e IMP, 2008.

² Edgar Morin (p.17) no capítulo "O desenho e a intenção complexos. O esboço e o projeto complexos", In: *Introdução ao pensamento complexo*" 3ª ed., Porto Alegre: Sulina, 2007. (pp. 17-56)

³ Como diz Juremir Machado da Silva, sobre Baudrillard, no capítulo "A obra de Morin, Baudrillard e Maffesoli" (p. 14-15), In: Morin, Edgar (org). *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993 (pp. 11-18)

esta entropia, seguiria por uma “indeterminação radical”⁴, mas pretendo revitalizar meu espírito. O erro cometido por este caminho é o “modo da organização de nosso saber num sistema de ideias (teorias, ideologias)”, que levou à “nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência”, gerando a “cegueira ligada ao desenvolvimento da ciência”⁵. Romper com o erro é tomar outro caminho e o compartilhar; é um caminho, já dito antes por José Itaqui e Maria Villagran⁶, onde indicavam a necessário semear pelo *saraquá*, que é um método de plantio nas encostas íngremes da região serrana das colônias italianas próximas a Santa Maria-RS. Há neste caminho uma projeção de Utopia, não uma determinação do que é o valor, feito nos preceitos racionais da machista ciência. Há aqui um receber antes de dar, é um processo de mutirão no envolvimento com o sensível. Onde não é o Senhor das Letras Escritas que está no comando da ação, pois não há comando de ações; há uma interação do invisível, nas imagens candentes do que lhes dão sentidos. Há compartilhar de valores, e quem compartilha alcança em grupo seus objetivos, compartilhamos afetividades, vontades e sabedorias. Aceitei o que nos disse Cassirer⁷ - a ciência, a razão, o mito, a linguagem e a arte estão no mesmo patamar, e a sabedoria mítica das comunidades é que define seus valores, os quais devem ser sempre reavivados pelas memórias. Assim deveremos sempre propor um compartilhamento na apropriação social do “Patrimônio Histórico” das comunidades, pois é um caminho salutar para relação das comunidades com seus bens móveis ou imóveis, materiais ou imateriais de valores inestimáveis.

Cláudio Baptista Carle⁸

⁴ Jean Baudrillard no capítulo “Vida eterna e imortalidade”, (p. 37), In: Morin, Edgar (org). *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993 (pp. 35-50)

⁵ Edgar Morin (p.9) no capítulo “A Inteligência cega”, In: *Introdução ao pensamento complexo*. 2007 (pp. 9-16)

⁶ Itaqui, José; Villagran, Maria *Educação Patrimonial: a experiência da Quarta Colônia*. Santa Maria: Pallotti, 1998

⁷ Cassirer, Ernst *Antropologia filosófica. Introducción a una filosofía de la cultura*. 5ª ed., Cid. Do México: Fondo de Cultura Económica, 1968

⁸ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.